

GONÇALVES DIAS E A TRADUÇÃO NA IMPRENSA PERIÓDICA OITOCENTISTA

Camyle de Araújo Silva¹

Wiebke Röben de Alencar Xavier²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para o resgate da memória do poeta e tradutor maranhense Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), mais conhecido pela autoria da poesia “Canção do Exílio” (1843), através do estudo de trabalhos traduzidos pelo mesmo e publicados na revista maranhense O Archivo (1846). São eles: “A Torre de Verdum” de Frédéric Soulié e “Canção de Bug-Jargal” de Victor Hugo. A fortuna crítica acerca de Gonçalves Dias tradutor tem focado quase que exclusivamente em sua tradução do livro de Friedrich Schiller, “A Noiva de Messina” (Die Braut von Messina), concluída em 1863. Contudo, seu trabalho com traduções é mais amplo, tendo publicado outras traduções na imprensa periódica oitocentista. Com isso, tomou-se como base o conceito metodológico interdisciplinar de Transferências Culturais, cunhado por Michel Espagne e Michael Werner. Para Espagne (2012, p. 21), a Transferência Cultural pode ser entendida como uma orientação metodológica para pesquisas históricas, que pretende evidenciar as imbricações e mestiçagens entre os espaços nacionais, tentando entender como as formas identitárias se alimentam das importações. A partir desse conceito, pretende-se analisar o perfil tradutório do poeta através do estudo dos textos de partida em seu contexto de origem, em relação às traduções em seu contexto de recepção, visando identificar as transformações e modificações que ocorreram durante a viagem desses textos entre os espaços nacionais. Assim, pretende-se reconstituir a visão de Gonçalves Dias acerca da tradução, tomando como base também os comentários encontrados em suas correspondências pessoais.

Palavras-chave: Gonçalves Dias; Tradução; Imprensa Periódica

1. INTRODUÇÃO

Às vezes eu digo em mim mesmo: que me aproveita ser poeta? E se não desanimo, crê-me, não é por falta de martírios e pesares. Sem transição – ando a estudar para compor um Poema – é por agora – “a minha obra”. Quero fazer uma coisa exclusivamente americana – exclusivamente nossa – eu o farei talvez. Já que todo o mundo hoje se mete a inovar – também eu pretendo inovar – inovarei – criarei alguma coisa que, espero em Deus, os nossos não esquecerão. (DIAS, 1844 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 30).

¹ Graduada em Tradução (2013) e Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras com previsão de conclusão para 2015, ambos pela Universidade Federal da Paraíba.

² Professora Adjunta III da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Antônio Gonçalves Dias é um dos autores românticos mais importantes do país, um expoente do nacionalismo brasileiro. Entre seus trabalhos mais conhecidos está a poesia “Canção do exílio” (1846), hoje tão presente nos manuais escolares e emblemática para todo o país por ter dois versos incluídos no Hino Nacional Brasileiro.

Além da obra poética, Dias publicou romances, como *Memórias de Agápito* (1868), e peças teatrais, como *Patkull* (1868), além de ser muito atuante na imprensa periódica, a exemplo das revistas publicadas pela Associação Literária Maranhense (*Jornal de Instrução e Recreio* de 1845 e *O Archivo* de 1846), da qual era membro.

Apesar da projeção da sua obra autoral, seu trabalho como tradutor ainda é pouco conhecido pelo grande público. Gonçalves Dias teria concluído a tradução do livro *A Noiva de Messina* do romântico alemão Friedrich Schiller, publicado dois volumes da coletânea de poesias traduzidas intitulada *Ecos d'além mar*, além de traduções avulsas na imprensa periódica. Este número pode ser ainda maior já que o mesmo menciona em correspondências pessoais outros trabalhos traduzidos que não chegaram a ser publicados, como, por exemplo: uma obra do poeta italiano Giambattista Marino e outra do britânico Robert Southey cujos títulos não foram mencionados, e a obra *Reinecke Fuchs* de Goethe (DIAS apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 23, 164, 237, 253).

O trabalho de Gonçalves Dias tradutor ainda é pouco estudado, principalmente, citar o trabalho *Friedrich Schiller e Gonçalves Dias*, de Karin Volobuef (2005), que trata das interseções entre a obra dramática de Gonçalves Dias e obras dos alemães Schiller e Goethe. Também nessa temática, o trabalho de Alexandre Bispo, *Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) - tradutor de F. Schiller* (2011), fala das viagens do poeta pela Europa e a relação dessas experiências com sua obra literária, seus estudos etnográficos e a recepção de sua obra na Europa.

Apesar de mencionarem sua atividade como tradutor, nenhum dos estudos citados têm como foco a questão da tradução, ou mencionam seu trabalho na imprensa periódica. Dessa maneira, o presente trabalho pretende contribuir para o resgate da memória do autor e tradutor maranhense Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) através da análise de duas traduções feitas por ele e publicadas na revista maranhense *O Archivo* (1846). São elas: “A Torre de Verdum” de Frédéric Soulié e “Canção de Bug-Jargal” de Victor Hugo.

Norteadas pelos estudos acerca de *Transferências Culturais* de Michel Espagne, entendemos que quando um texto ultrapassa a fronteira do contexto nacional de origem, trata-se, antes de tudo, de determinar os caminhos usados pela exportação (2012, p. 22). A pesquisa sobre as transferências procura examinar novas possibilidades de ultrapassar o quadro nacional da história cultural pelo estudo do processo de translação de um objeto entre seu contexto de surgimento e um novo contexto de recepção (Ibidem, 2012, p. 23). Ao pôr em evidência o traslado de um objeto cultural, evidencia-se também o papel dos mediadores, em especial, do tradutor, já que a tradução tem, em geral, um impacto muito maior, pois corresponde a uma nova redação do texto, numa disposição ligada ao novo contexto de recepção, a um novo sistema retórico e metafórico e as novas referências literárias e históricas (Ibidem, 2012, p. 32).

Assim, tentaremos nos aproximar da visão de Gonçalves Dias acerca da tradução, partindo de comentários sobre essa temática feitos em sua correspondência pessoal reunida e publicada pela Biblioteca Nacional em 1964, contendo 295 cartas. Além disso, investigaremos a atuação do poeta maranhense na imprensa periódica, tomando como base a revista *O Archivo* (1846), acessada integralmente a partir do site do projeto *Jornais e Periódicos Literários da Paraíba do Século XIX*³ do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, idealizado pelas Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa e Profa. Dra. Fabiana Sena.

2. GONÇALVES DIAS – VIDA, OBRA E RELAÇÕES NO CONTEXTO DA TRADUÇÃO

Gonçalves Dias nasceu em 1823, em Caxias, no Maranhão, e faleceu em 1864, em um naufrágio próximo à costa do Brasil, no qual foi a única vítima, pois estava doente e foi esquecido no navio que afundava. Com ele, perdeu-se a versão final da sua tradução de *A Noiva de Messina*, de Schiller, da qual restou apenas uma versão anterior em posse de seus amigos, conforme apontado numa carta de agosto de 1862, escrita na França e enviada à Antônio Henriques Leal, também membro da Associação Literária Maranhense:

Não sei se foi em Maranhão que deixei umas poesias de que ia fazendo coleção e assim também a primeira metade da tradução da Noiva de Messina. Concluí a tradução em viagem, e posto que se ressinta do estado em que me

³ Site do projeto *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba do Século XIX*: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>.

via quando a concluí, ainda assim pode servir. (DIAS, 1862 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 326)

Em 1840, o poeta ingressou num curso de direito em Portugal e obteve o grau de bacharel em 1845. Retornou ao Brasil no mesmo ano, trazendo grande parte de sua obra que lá havia sido escrita, como, por exemplo, as peças teatrais *Patkull* e *Beatriz Cenci*, e o romance *Memórias de Agápito* (COLARES, 1975).

Além de escritor, Dias foi também historiador e etnógrafo, tendo escrito vários estudos, dentre os quais, podemos citar o *Dicionário da Língua Tupi*, editado pela Brockhaus na Alemanha e, ainda, uma *História dos Jesuítas*, que também teria se perdido no fatídico naufrágio.

Apesar das constantes viagens por conta de suas outras atividades, Dias continuava engajado nos projetos de publicação da Associação Literária Maranhense, não apenas enviando escritos originais e traduzidos para a publicação, como também revisando o conteúdo da revista através de correspondência com seus amigos, em especial, com Alexandre Teófilo de Carvalho Leal.

No ano de 1851, foi encarregado pelo governo imperial de percorrer as províncias do norte do Brasil para averiguar o estado da instrução pública no país (SILVA, 1867, p. 230). Em 1852, foi nomeado oficial da Secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e enviado à Europa para visitar estabelecimentos de instrução à procura de métodos para serem aplicados no Brasil, examinar arquivos à procura de documentos sobre a história do país (SILVA, 1867, p. 231) e, ainda, mantinha o Imperador D. Pedro II informado de críticas relacionadas ao Brasil publicadas na imprensa.

Durante as viagens como oficial do Império, Dias correspondia-se diretamente com D. Pedro II, mantendo o Imperador informado, inclusive, das traduções em que trabalhava, a exemplo da carta enviada de Dresden, na Alemanha, em 1858:

O que tenho feito ultimamente é adiantar a tradução da Noiva de Messina, de Schiller, tragédia, que sempre tive por coisa excelente no seu gênero, e ocupar-me com estudos sobre *Reineke Fuchs*, que também pretendo traduzir. (DIAS, 1858 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 236).

Apesar de demonstrar certo nível de intimidade com o imperador, as cartas tinham um tom mais sério que nas correspondências com amigos e, muitas vezes, assimilam-se a relatórios. Em outra carta de 1857, enviada da Alemanha, o poeta relata que uma de suas peças está sendo traduzida para o alemão, tendo despertado bastante interesse por lá pela curiosidade de ser um autor brasileiro:

Quanto ao meu Drama - *Boabdil*, a tradução alemã está ainda nas mãos de Gutzkouv, poeta dramático, que se mostra empenhado em o fazer representar no Teatro de Dresde, não tanto pelo merecimento do trabalho, como pela curiosidade de ser drama de um brasileiro. Há na franqueza alemã tanta ingenuidade, que não é preciso muita penetração para se ver que é para eles objeto de maior surpresa haver entre nós quem escreva, do que se ouvissem falar do descobrimento de um poema antediluviano. (DIAS, 1857 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 218)

No livro *A vida literária no Brasil durante o romantismo* (2010), Machado afirma que o Imperador, tinha o hábito de opinar e fazer alterações nas obras originais e traduzidas a ele apresentadas. O autor, narra ainda que numa leitura da obra *Jocelyn* de Lamartine, traduzida por João Cardoso de Menezes e Sousa, o tradutor mal conseguiu ler três páginas do manuscrito, tantas eram as observações dele. O próprio Pedro II também dedicou-se à tradução, geralmente de poemas e textos religiosos da tradição judaica e da católica, e teria traduzido entre vários pares linguísticos (MARTINS MA; OLIVEIRA, 2010, p. 49). O imperador gostava do convívio com os homens de letras. Sempre incentivador da literatura, exerceu o papel de mecenas para diversos autores, inclusive, para Gonçalves Dias.

3. A ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA MARANHENSE

A Associação Literária Maranhense, a entidade precursora da Academia Maranhense de Letras (1908), foi fundada em 1845 por estudantes do Liceu Maranhense.

Em 11 de maio de 1845, durante sessão ordinária, a Associação ampliou seu quadro de membros, aprovando, entre outros, Antônio Gonçalves Dias e seu melhor amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal. No mesmo ano, a Associação passou a publicar mensalmente o *Jornal de Instrução e Recreio*, que no ano seguinte, deixou de circular e foi substituído por *O Archivo*, cuja introdução foi redigida por Gonçalves Dias.

Figura 1 - Capa do *Jornal de Instrução e Recreio* (1845)



Fonte: *Hemeroteca Digital*⁴

Figura 2 - Capa de *O Archivo. Jornal Científico e Litterário* (1846)



Fonte: *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba do Século XIX*⁵

No trecho a seguir, o poeta fala de críticas vindas da opinião pública em relação à revista anterior e o foco no conteúdo de/sobre literatura.

O nosso horizonte de hoje é mais vasto e mais variado; alguns preconceitos, talvez anteriores a esta empresa, esperam, e nós que sentimos todo o peso da responsabilidade que a opinião pública tem suspensa sobre as nossas cabeças - preencheremos as promessas que já lhe fizemos e que agora lhe renovaremos; [...] aumentaremos o volume da nossa folha literária e de ora avante haverá lugar nas nossas colunas para todos os artigos de ciências, quer sejam filosóficas, quer positivas, quer abstratas. (DIAS. In: *O ARCHIVO*, 1846, p. 1)

Neste trecho, Gonçalves Dias firma a promessa de atender aos pedidos dos leitores de publicar ciência, é tanto que a primeira edição da revista vem dividida em duas seções: “*Litteratura*” e “*Sciências*”. No entanto, a promessa não é mantida e a partir do segundo número de *O Archivo*, extingue-se a breve seção científica.

Ainda sobre a revista, Martins apresenta-a na sua pesquisa *Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão oitocentista* (2010, p, 117) conforme o excerto a seguir: “A publicação científica e literária *O Archivo* contava, em geral, com cerca de 20 páginas de texto a cada número, tendo como objetivos a divulgação das letras, ciências e do gosto pela instrução entre os maranhenses”. A revista teve ao todo

⁴ Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Último acesso: 16 de outubro de 2013.

⁵ Disponível em: www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/. Último acesso: 16 de outubro de 2013.

nove números impressos, em que foram publicados artigos sobre os mais diversos assuntos: literatura, teatro, boletins bibliográficos, historiografia, história natural, economia, política, fisiologia, tecnologia, teologia, notícias e variedades, crítica literária, fragmentos de romances, novelas, contos, traduções e poemas. Contudo, o assunto dominante era mesmo o literário.

Mesmo quando estava longe do Maranhão, Gonçalves Dias continuava envolvido na publicação da revista. Em 2 de setembro de 1846, ele escreveu uma carta para Alexandre Teófilo em que discorria sobre uma tradução com “erros bem graves” publicada em *O Archivo*, feita por Augusto Frederico Collin, autor da maioria das traduções da revista, a exemplo de “O Sonâmbulo” de Vigny – que Dias se refere na carta –, “A Breschelle” de Marie Aycard, “O papel da Grécia no desenvolvimento da humanidade” de Théodore Jouffroy, um episódio da obra *Martyres* de Chateaubriand, etc. Segue abaixo a crítica de Gonçalves Dias:

Recebi o 1º número do *Fileidemon* e o 5º do *Arquivo*: neste vem uma tradução do De Vigny – menos má – por outra – boa – porque o De Vigny pela sua pureza é talvez o autor moderno mais difícil de ser traduzido. O Colin deixou escapar erros bem graves, que não são de impressão – que em si já é bem má. Assim por ex. – ele traduz *clepsidre* que em francês é feminino = *clepsidra*, também feminino em português – nós dizemos clepsidro: diz ele que o clepsidro dá horas - o que também não é exato; o clepsidro não dá horas – marca-as, etc. (DIAS, 1846 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 53).

Apesar da crítica por conta da tradução de Collin “não ser exata”, as próprias traduções de Dias na revista não seguem a linha palavra por palavra, como veremos na sessão seguinte.

4. AS TRADUÇÕES DE GONÇALVES DIAS NA REVISTA *O ARCHIVO*

É nas páginas do *Jornal de Instrução e Recreio* e de *O Arquivo* que podemos observar efetivamente o início da carreira literária de Gonçalves Dias, não apenas como membro efetivo da Associação Literária Maranhense, mas como colaborador assíduo dos periódicos (MARTINS RAF, 2010, p. 118). No *Jornal de Instrução e Recreio*, Dias publicou apenas textos autorais, por isso, aqui, tomamos como base apenas *O Archivo*.

Também é possível enxergar que a segunda revista da Associação Literária Maranhense funcionou para Gonçalves Dias como uma espécie de observatório dos gostos e hábitos de leitura do público. Um exemplo disso é a obra *Primeiros Cantos*, publicada inicialmente em 1847, uma coletânea de poesias e contos dentre os quais

“Memórias de Agápito”, “Os seus olhos”, “A Escrava” e “Te-deum” foram publicadas inicialmente em *O Archivo*, no ano de 1846.

Em se tratando especificamente da tradução, nos depoimentos em sua correspondência, vemos que a tradução tem duas funções principais para Dias: *hobby* e acúmulo de capital, por vezes simbólico, por outras, econômico em si, como podemos ver no trecho da carta enviada ao Barão de Capanema em 1858:

Se eu levar isto a efeito, no que não há impossibilidade absoluta, se além disso traduzo uma meia dúzia de poesias alemãs, de mistura com outras de outras línguas, tu verás como se vai à glória a *bon marché*; sem balões, nem caminhos de ferro. Entre outras coisas, tem de bom estes alemães o serem agradecidos: traduzir Schiller ou Goethe ou qualquer dos seus bons poetas, é a melhor carta de recomendação para com eles. Aqui em Dresde, onde se reúnem os machacazes da literatura e arte alemã, cresci de algumas polegadas, desde que souberam que passo as minhas doudas vigílias na companhia da Noiva de Messina. (DIAS, 1858 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 240).

Acerca do capital, Pierre Bourdieu (2002), indo além da concepção econômica de capital marxista, refere-se a ele como algo simbólico, que traduz o prestígio de um indivíduo em um determinado campo social, que também parecer ser o caso da tradução de Hugo publicada em *O Archivo*. Quanto à tradução de Soulié, a impressão que fica é que Dias tinha o intuito de divulgar o trabalho do amigo, como veremos na seção a seguir.

4.1 A TORRE DE VERDUM DE SOULIÉ E DIAS

De autoria do jornalista Frédéric Soulié (1800-1847), um dos autores da imprensa periódica mais conhecidos na França em sua época, “A Torre de Verdum” (*La Tour de Verdun*) foi publicada inicialmente na coletânea *L’homme de lettres - Nouvelles* (1838 apud SOULIÉ, 1858, p. 161-182), pela editora parisiense Souverain. Neste conto, o autor narra um episódio da Cruzada dos Pastores ocorrida em 1320, na cidade de Verdum, na França. Já a tradução de Dias, foi publicada em dois capítulos, nos volumes 3 (maio de 1846, p. 61-67) e 4 (junho de 1846, p. 81-85) de *O Archivo*, respectivamente, trazendo junto ao título a inscrição “por Frederico Soulié”, enquanto o nome do tradutor vinha apenas no fim do escrito.

O texto “A Torre de Verdum” pode ser considerado grande para os padrões do que se publicava na revista (em média 8 escritos por edição, cada uma com, aproximadamente, 20 páginas), mesmo assim, Gonçalves Dias optou por não cortar nenhum trecho do texto. Numa passagem de carta datada dezembro de 1843, Dias

comenta com Alexandre Teófilo sobre sua amizade com o autor do texto de partida, Frédéric Soulié. Os dois teriam se conhecido em 1841, quando Dias estudava em Portugal: “Lembras-te que amigo o Soulié tinha em mim? – Pois, meu amigo declaro – que sou Soulié – da gema – do âmago da gema – se é possível: Soulié, Soulié. . .” (DIAS, 1843 apud ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 25).

Apesar de não excluir nenhum trecho do texto de partida ou fazer alterações no enredo, a tradução não segue o estilo de tradução “palavra por palavra”, como já indica a primeira linha do texto, conforme o quadro abaixo:

| Tradução de Gonçalves Dias | Trecho correspondente no texto de partida |
|--|---|
| – Correndo o ano de 1320, a caterva de salteadores, denominados então – os Zagalejos – tinha invadido aquela extremidade da França ocupada pelos Albigenses. | <i>C’était dans l’année 1320: l’armée des brigands qu’on appelait Pastoureux venait d’envahir l’Albigois.</i> |

Podemos perceber na tradução o emprego de travessões, algo característico da escrita de Gonçalves Dias, algo evidente, inclusive, nos trechos das cartas aqui apresentadas. Outro fator que podemos destacar são as escolhas de tradução do poeta, como, por exemplo: traduz “*armée*”, que pode ser traduzida para o português por “exército”, por “caterva” que tem uma conotação mais negativa que a palavra do francês; a escolha pouco óbvia de traduzir “*Pastoureux*” por “Zagalejos” - diminutivo de “zagal”, que é um ajudante do pastor -, ao invés de “Pastores” ou “Pastorzinhos” - no diminutivo, como no francês -, já que o movimento da *Croisade des Pastoureux* ficou conhecido em português como Cruzada dos Pastores. O tradutor ainda acrescenta uma explicitação no final da frase para “*Albigois*”, que traduz por “aquela extremidade da França ocupada pelos Albigenses”.

Mesmo optando por não cortar o texto do amigo (diferente do que ocorre com a tradução de Victor Hugo, apresentada na próxima seção), Dias faz diversas alterações pontuais, como as exemplificadas no primeiro parágrafo, que são tendências que seguem durante todo o texto, e que não se originam da transposição de uma língua para outra, mas, sim, são claramente opções estilísticas do próprio poeta. Aqui, não procuramos questionar as escolhas do tradutor, pois uma tradução não tem menos legitimidade ou originalidade que seu modelo, entendemos que as alterações executadas são responsáveis por trazer uma vida nova ao texto de chegada.

4.2 O ROMANCE DE HUGO TORNA-SE POESIA

No trabalho *Victor Hugo e o teatro romântico no Brasil* (2003), Faria fala do grande número de traduções dos poemas e romances de Hugo no Brasil, e ressalta a qualidade dos tradutores, dentre os quais estão: Machado de Assis e Castro Alves, além de Gonçalves Dias, é claro. Numa carta de 31 de agosto de 1845 (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1864, p. 42), Dias escreveu de Caxias, no Maranhão, à Teófilo, solicitando que o amigo lhe envie livros, dentre os quais estava uma obra de Victor Hugo, autor que ele iria traduzir no ano seguinte para a revista.

O texto de partida foi publicado em 1829, em Bruxelas, na Bélgica, pela editora Louis Hauman Libraires, possuindo 349 páginas. O enredo se desenrola no contexto da revolução haitiana no final do século XVIII, e conta a história do rei negro escravizado Pierrot (ou Bug-Jargal) que se apaixona por uma jovem aristocrata francesa recém-chegada à ilha.

A tradução, que recebeu o título “Canção de Bug-Jargal”, foi publicada na primeira edição de *O Archivo*, em fevereiro de 1846, onde tinha duas páginas e havia sido transformada em uma poesia. Junto ao título havia a indicação: “traduzido de Victor Hugo”. Diferente do que ocorre com o texto de Soulié, a ênfase aqui recai sobre a atividade de tradução empreendida por Gonçalves Dias, mesmo que seu nome apareça apenas ao fim do texto. Quando traduz o texto do amigo Frédéric, Dias parecer ter a intenção de divulgar no Brasil o trabalho literário do jornalista. Já com a tradução de Hugo, parecer ser o acaso de acúmulo de capital simbólico ao traduzir um escritor de renome.

Abaixo, segue a primeira estrofe da poesia e o parágrafo do texto de partida ao qual se refere.

| Tradução de Gonçalves Dias | Trecho correspondente no texto de partida |
|--|---|
| Maria, porque me foges? Porque me foges, donzela? Minha voz! – O que tem ela Que te faz estremecer? Tão temível sou acaso?! Sei amar, cantar, sofrer. | « <i>Pourquoi me fuis-tu, jeune fille? Pourquoi me fuis-tu, jeune fille? Pourquoi cette terreur qui glace ton ame quando tu m’entendes? Je suis en effet bien formidable! Je sais aimer, souffrir et chanter!</i> » |

No trecho traduzido por Dias, o personagem Bug-Jargal se declara para sua amada cantando – por isso, em francês, o trecho vem entre aspas –, no entanto, esse contexto não foi trazido para o leitor brasileiro. Um dos pressupostos básicos da pesquisa sobre as transferências culturais, considera as transformações ligadas a uma tradução não

como uma perda, mas como uma construção nova, o que confere uma outra vida ao texto de chegada em seu novo contexto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antônio Gonçalves Dias é, sem dúvida, um dos autores mais importantes do Brasil. Apesar da projeção da sua obra autoral, sua atuação na imprensa periódica e seu trabalho como tradutor ainda são pouco estudados. Aqui, apresentamos duas traduções feitas por ele e publicadas na revista da Associação Literária Maranhense, *O Arquivo* (1846). São elas: “A Torre de Verdum” de Frédéric Soulié e “Canção de Bug-Jargal” de Victor Hugo.

Para nos aproximar da visão que o poeta tinha sobre a atividade tradutória, utilizamos como fonte sua correspondência ativa, publicada pela Biblioteca Nacional. A partir dela, vimos que Dias traduziu algumas obras que não chegaram a ser publicadas e circulavam apenas no entre intelectuais próximos, por meio de manuscritos em posse de amigos. Algumas dessas traduções eram feitas como um *hobby*, outras tinham como fim o acúmulo de capital simbólico, como no caso da tradução de Hugo, em que o romance chega ao Brasil em verso. Neste texto, desde o título indica-se: “Traduzido de Victor Hugo”, dando mais ênfase na atividade de tradução de Gonçalves Dias, que decidiu traduzir apenas um recorte de um capítulo, que de texto corrido passou a ser poesia.

Quanto à tradução de Soulié, desde o título, a ênfase estava no autor do texto de partida, grande amigo de Gonçalves Dias, que teve seu nome aportuguesado (Frederico Soulié) na revista, dando a impressão que o texto foi escrito originalmente na língua de chegada. Apenas ao final do texto, encontra-se a inscrição “Tradução de Gonçalves Dias”. Talvez por ter o objetivo de divulgar o trabalho do amigo, o tradutor opta por não excluir trechos do texto, uma prática muito característica das traduções do século XIX. Em ambos casos, as características estilísticas do poeta Gonçalves Dias se faziam muito presentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO, Antônio Alexandre. Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) - tradutor de F. Schiller. Indianismo brasileiro e cultura alemã da Europa Central. In: **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, 2011. Disponível em:

<http://www.revista.brasil-europa.eu/133/Goncalves-Dias-na-Europa-Central.html>.

Último acesso: 04 de junho de 2014.

BOURDIEU, Pierre. **As condições sociais da circulação internacionais das**. Tradução de Luiz Felipe Martins Candido, 2011. Disponível em: <http://ninjaufsj.files.wordpress.com/2011/08/as-condic3a7c3b5es-sociais-da-circulac3a7c3a3o-internacional-das-ideias-plural.pdf>. Último acesso: 24 de novembro de 2014.

COLARES, Otacílio. O Romântico Gonçalves Dias. In: **Revista da Academia Cearense de Letras**, nº 36, 1975. Disponível em: http://www.ceara.pro.br/acl/revistas/revistas/1975/ACL_1975_09_O_romantico_Goncalves_Dias_Otacio_Colares.pdf. Último acesso: 24 de novembro de 2014.

DIAS, Antônio Gonçalves. Correspondência ativa de Antônio Gonçalves Dias. In: **Anais da Biblioteca Nacional**, vol. 84, 1964.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Primeiros Cantos**. Poesias. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00634200#page/7/mode/1up>. Último acesso: 23 de novembro de 2014.

ESPAGNE, Michel. Transferências Culturais e História do Livro. In: **Livro** – revista do núcleo de estudos do livro. Tradução de Valéria Guimarães. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

FARIA, João Roberto. Victor Hugo e o teatro romântico no Brasil. In: **Lettres Françaises**, nº 5, 2003, p. 105-116. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/lettres/article/viewFile/746/610>. Último acesso: 23 de novembro de 2014.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Site. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>. Último acesso: 16 de outubro de 2013.

HUGO, Victor. **Bug-Jargal**. Bruxelas: Louis Hauman et Compagnie, 1829. Disponível em: http://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=5FBAAA_AAcAAJ. Último acesso: 24 de novembro de 2014

JORNAIS E FOLHETINS LITERÁRIOS DO PARAÍBA NO SÉCULO XIX. Site. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/. Último acesso: 16 de outubro de 2013.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO. Maranhão: Typographia Maranhense, 1845-1846. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=703117&pasta=ano%20184&pesq>. Último acesso: 24 de novembro de 2014.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

MARTINS, R. A. F. Breve panorama histórico da imprensa literária no Maranhão oitocentista. In: **Animus**, v. 18, p. 107-129, 2010. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus>. Último acesso: 20 de setembro de 2014.

MARTINS, Marcia Amaral; OLIVEIRA, Anna Olga Prudente. D. Pedro II, Monarca-tradutor. In: **TradTerm**, v. 17, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/40282/43167>. Último acesso: 24 de novembro de 2014.

O ARCHIVO. JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO. Maranhão: Typographia Maranhense. Fevereiro a dezembro de 1846. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/outrosetados/>. Último acesso: 16 de outubro de 2013.

SILVA, Innocência Francisco. Apontamentos para a vida e trágica morte do insigne poeta brasileiro Antônio Gonçalves Dias. In: **Archivo Pittoresco**, vol. 10. Lisboa: Tip. de Castro Irmão, 1867, p. 230, 231. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=09tGAAAAMAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Último acesso: 23 de novembro de 2014.

SOULIÉ, Frédéric. *La Tour de Verdun*. In: **Un Malheur Complet**. Paris: Michel Lévy-Frères, Libraires-Éditeurs, 1858, p. 161-182. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?printsec=frontcover&output=reader&id=RyA6AAAcAAJ&pg=GBS.PP1>. Último acesso: 24 de novembro de 2014.

VOLOBEUF, Karin. Friedrich Schiller e Gonçalves Dias. In: **Revista Pandaemonium Germanicum**. N° 9, 2005, p. 77-90. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/index>. Último acesso: 04 de junho de 2014.